

## PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO UTILIZADO EM PESQUISA COM ADOLESCENTES: EXPERIENCIANDO O GRUPO-PESQUISADOR<sup>1</sup>

THEORETICAL-METHODOLOGICAL PROCESS USED IN RESEARCH WITH ADOLESCENTS:  
EXPERIENCING THE RESEARCH GROUP

PROCESO TEÓRICO-METODOLÓGICO UTILIZADO EN INVESTIGACIÓN CON JÓVENES:  
LA EXPERIENCIA DEL GRUPO INVESTIGADOR

LEILA MEMÓRIA PAIVA MORAES<sup>2</sup>  
VIOLANTE AUGUSTA BATISTA BRAGA<sup>3</sup>

### RESUMO

O estudo objetivou descrever o processo teórico-metodológico utilizado durante realização de pesquisa de mestrado com adolescentes institucionalizados, sensibilizando os profissionais de enfermagem para a viabilidade da metodologia empregada em pesquisas com adolescentes. Desenvolvido com adolescentes de ambos os sexos de um Abrigo Público. Proposta metodológica inspirada no referencial teórico-metodológico da sociopoética através do método do grupo-pesquisador, utilizando subsídios da teoria da análise institucional, favorecendo a expressão da criatividade, sensibilidade, liberdade de expressão e o emergir revolucionário do grupo através de oficinas vivenciais. O esboço produzido buscou descrever o método do grupo-pesquisador oriundo da sociopoética e conceitos operativos da análise institucional.

**Palavras chave:** Adolescente Institucionalizado; Pesquisa em Enfermagem; Pesquisa Metodológica em Enfermagem

### ABSTRACT

This study aimed to describe the theoretical-methodological process used during accomplishment of a master's degree course research with institutionalized adolescents, touching the nursing professionals for the viability of the methodology used in research with adolescents. It was developed with adolescents of both genders from a Public Shelter. The methodological proposal was inspired in the sociopoetics's theoretical-methodological reference through the group-researcher's method, using subsidies of the institutional analysis theory, favoring the expression of creativity, sensibility, freedom of expression and the revolutionary emerging of the group through experiential workshops. The sketch produced aimed to describe the group-researcher's method originated from the sociopoetics and operative concepts of the institutional analysis.

**Key words:** Adolescent institutionalized; Nursing research; Nursing Methodology Research

### RESUMEN

El objetivo del presente estudio es describir el proceso teórico y metodológico utilizado en adolescentes institucionalizados durante la investigación para el máster. Su intención es que los profesionales de enfermería perciban la viabilidad de la metodología utilizada en la investigación con adolescentes de los dos sexos de un Abrigo Público. La propuesta metodológica se inspira en el referente teórico-metodológico de la sociopoética a través del método del grupo-investigador y se basa en la teoría del análisis institucional que favorece la creatividad, sensibilidad, libertad de expresión y el sobresalir revolucionario del grupo por medio de talleres vivenciales. El esbozo busca describir el método del grupo-investigador basado en la sociopoética y conceptos operacionales del análisis institucional.

**Palabras clave:** Adolescentes institucionalizados; Investigación en Enfermería; Investigación Metodológica en Enfermería

<sup>1</sup> Texto construído a partir de dissertação de Mestrado em Enfermagem defendida em março de 2003 no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> Enfermeira do Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Municipal de Saúde de Uberaba, Mestranda da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo – EERP-USP.

<sup>3</sup> Enfermeira, Professora Livre-docente do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto –Universidade de São Paulo- EERP-USP.

Endereço para correspondência: Av. Santa Beatriz 1750, Apto 505 Ed. Trindade - CEP 38050 000. Uberaba M.G. - E-mail: [marildacardoso@netsite.com.br](mailto:marildacardoso@netsite.com.br)

## INTRODUÇÃO

A sociedade vivencia um processo de massificação do uso das drogas psicoativas que trazem, em sua origem, determinantes de ordem socioeconômica e cultural, próprios determinantes do mundo contemporâneo.

Pela complexidade de que se reveste essa problemática, não podemos deixar de discuti-la, olhando-a de frente, sem falso moralismo, sem preconceitos ou quaisquer outras justificativas, pois só assim podemos nos aproximar, entender e achar saídas para ajudar tantos que padecem dos agravos da dependência química. Não podemos ignorar esses fatos ou simplesmente evitar sua discussão, pois, dessa forma, o problema do uso de drogas só se complicará, trazendo sérias conseqüências, como desordem pessoal, familiar e social.

Destacamos, em especial, o uso abusivo de drogas entre os adolescentes, grupo que vem aumentando seu consumo. O uso indevido de drogas dá-se cada vez mais cedo (por volta dos dez anos de idade), em ambos os sexos.<sup>(1)</sup>

A motivação para estudar a dependência química em adolescentes sempre esteve presente. Restava-nos uma dúvida: que metodologia deveríamos utilizar para viabilizar nosso trabalho, já que os sujeitos da pesquisa, escolhidos para compor nossa dissertação de mestrado, eram adolescentes institucionalizados, apresentando-se cheios de energia, inquietos e eufóricos, com histórias de vida marcadas por preconceitos, infância conturbada e muitos outros fatos negativos. Fomos então buscar inspiração no referencial teórico-metodológico da sociopoética.

Nossa preocupação voltou-se para esses adolescentes, por considerarmos que, ao vivenciarem uma fase de transição, essa se traduz em um momento de crise caracterizada pela metamorfose à qual são submetidos na passagem entre a infância e a vida adulta. E foi sobre a relação do adolescente com drogas psicoativas que nos debruçamos ao utilizar o método do grupo-pesquisador, originado do referencial teórico-metodológico da sociopoética. Através desse método desenvolvemos a pesquisa de dissertação de mestrado, a qual procurou apreender os sentimentos de um grupo de adolescentes institucionalizados, no que diz respeito à sua relação com as drogas. Para que isso ocorresse, procurou-se favorecer a expressão de sentimentos relativos ao uso de drogas, através de dispositivos criativos, e identificar o modo como vivenciam o uso de drogas em seu cotidiano, sendo viabilizado através da criação de um espaço de expressão do subjetivo, utilizando a criatividade e a liberdade de expressão, condição praticamente inexistente em seu meio, considerando-se que eram meninos e meninas institucionalizados.<sup>(2)</sup>

Julgamos ser este estudo de grande relevância para todos os envolvidos com a problemática do consumo de drogas psicoativas entre adolescentes, dada a peculiaridade da proposta metodológica utilizada, pois buscou-se apreender, junto ao grupo pesquisado, os modos como ele lida com essa questão. Com isso, pensamos poder contribuir para uma maior aproximação e desmitificação do assunto, possibilitando uma intervenção adequada.

A relevância do estudo dá-se, ainda, pela importância de conhecermos como a enfermagem pode estar se utilizando de metodologias inovadoras para que possa construir seu conhecimento científico, utilizando concomitante arte e ciência.

Esse artigo tem como objetivo descrever o processo teórico-metodológico utilizado durante a realização da pesquisa de dissertação de mestrado com adolescentes institucionalizados, sensibilizando, ainda, os profissionais de enfermagem para a viabilidade da proposta metodológica do grupo-pesquisador a ser empregado em futuras pesquisas com grupo de adolescentes.

## DESCREVENDO O PROCESSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE UMA PESQUISA COM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS

Trata-se de uma abordagem do tipo qualitativa, visto que nosso objetivo geral foi apreender os sentimentos dos adolescentes dependentes químicos institucionalizados com relação ao uso de drogas.

A pesquisa qualitativa responde a questões subjetivas, preocupando-se com um nível de realidade não quantificável nas ciências sociais, trabalhando com significados, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos apenas à operacionalização de variáveis.<sup>(3)</sup> Entretanto, esse tipo de abordagem disponibiliza uma grande variedade de referenciais metodológicos. Optamos por algo inovador, que proporcionasse a oportunidade de trabalhar a sensibilidade, a criatividade e a relação com o outro. Elegemos a sociopoética por entendermos que ela oferece suporte para isso, além de introduzir um pouco da fertilidade da arte no árido terreno da pesquisa.

A sociopoética abre espaço para que possamos valorizar e trabalhar alguns pontos, entre eles a importância do corpo como fonte de conhecimento, ou seja, o corpo como algo passível de desencadear potências criadoras; a importância da participação dos sujeitos da pesquisa como co-pesquisadores e a utilização da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar, isto é, no próprio processo de pesquisa.<sup>(4)</sup>

Realizamos um trabalho inspirado na sociopoética, adotando uma das ferramentas desse referencial teórico-metodológico, aquela que, segundo o seu criador Jacques Gauthier, corresponde a seu centro vivo: o método do grupo pesquisador. Inicialmente, despojamo-nos da visão convencional de pesquisa, tão institucionalizada na nossa formação acadêmica. Abrimos espaços para a descoberta e o encontro de outras verdades e leituras no mundo da cientificidade, especificamente no mundo da enfermagem, criando condições para uma prática prazerosa no processo de pesquisar ou produzir conhecimento.

Epistemologicamente falando, a sociopoética foi gerada num encontro entre a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, a análise institucional, a escuta mitopoética de René Barbier e a educação simbólica. Da pedagogia do oprimido, herdou o método do grupo-pesquisador; da análise institucional, a idéia de dispositivo, onde este pode ser

considerado uma técnica, um diário de pesquisa ou a própria ritualização da pesquisa, caracterizando-se por um (uns) lugar(es), um (uns) tempo(s), ritmos, pessoas, objetos, dinheiro, tarefas, que permitem "objetivar", isto é, tornar visível o que era escondido na vida ordinária(4); da escuta mito-poética de René Barbier, que destaca a importância de se escutarem as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação, o pesquisador ou professor deve aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação em cada ser. Pois esses ritmos pertencem integralmente ao processo de produção de conhecimento.(4) E por último, da educação simbólica, herdou a ênfase ao processo de educar e pesquisar como algo que proporcione mais prazer, harmonia, respeito e felicidade para todos os envolvidos na pesquisa.

Entendemos que seja importante para a enfermagem ao fato de que seus pesquisadores aproximarem-se de referenciais que, como a sociopoética, ajudem-nos a superar a dicotomização entre arte e ciência, tão presente na nossa prática. Na busca por um status quo em meio à produção de conhecimento, a enfermagem contemporânea tem se dedicado avidamente a enfatizar os aspectos científicos desta produção. Apesar de entendermos a importância dessa busca, não acreditamos que ela deva se dar em detrimento de outras possibilidades de construção. A sociopoética é mais uma forma de construir conhecimento. "Há que se diversificar; há que se caleidoscopizar. Não em busca de uma totalização, mas sim numa tentativa de abrir novos caminhos.(...) Das limitações, nascem as alternativas e surge, inquietante, a vontade de criar um terceiro lugar. Um lugar que, antes de nos (de)limitar, abra possibilidades múltiplas".(5,66)

## O MÉTODO DO GRUPO-PESQUISADOR

A formação do grupo-pesquisador foi um dos pontos altos desta pesquisa, já que se trata de um estudo de inspiração sociopoética. Nele, os sujeitos da pesquisa fazem um elo entre o pesquisador oficial e a realidade que se quer conhecer. Através do grupo-pesquisador os sujeitos da pesquisa tornam-se verdadeiros co-pesquisadores, contribuindo para a construção do conhecimento e participando de todas as decisões do processo de pesquisa. Ocorre uma quebra do tradicional processo de relação pesquisador/objeto de estudo.(4)

É importante pôr a construção coletiva do saber a serviço da compreensão e aceitação do homem. O saber produzido pelo grupo tem significado tanto para o pesquisador como para os demais participantes da pesquisa, representando vozes, sentimentos e percepções destes, traduzindo-se em uma linguagem que pode ser entendida dentro e fora do âmbito da academia. Sendo assim, os sujeitos da pesquisa não podem ser percebidos como simples fornecedores de dados e, em seguida, desprezados como se o resultado final nada tivesse a ver com eles.(6)

O método do grupo-pesquisador pode ser descrito em seis momentos.(4)

- A entrada no grupo sujeito da pesquisa (a formação do grupo-pesquisador): o facilitador da pesquisa deve negociar a sua entrada e sua aceitação pelos sujeitos da pesquisa, pois é importante identificar se o grupo expressa

realmente interesse pela pesquisa em questão. Disso depende grande parte do sucesso de uma pesquisa sociopoética, pois o desejo do grupo (inclusive o do facilitador) é que vai possibilitar o desenvolvimento da pesquisa.

Essa fase geralmente representa um momento tenso para o pesquisador, pois os primeiros contatos com o universo da pesquisa podem gerar tensão, ansiedade e medo. A negociação de uma pesquisa sociopoética resulta em momento de tensão que mexe com os sentimentos do pesquisador, levando-o a pensar sobre a necessidade de seduzir e envolver os participantes e sobre o medo de não ser aceito devido ao poder que detém, como facilitador, no desenvolvimento da pesquisa.(5)

- A escolha do tema a ser pesquisado: o tema inicial ou tema gerador deve ser de interesse do grupo-pesquisador. Talvez seja por isso que esse momento geralmente se constitui no estabelecimento de conflitos pela incompatibilidade entre o tema selecionado pelo pesquisador e o interesse do próprio grupo-pesquisador em pesquisá-lo. O facilitador pode sugerir ao grupo que escolha o tema ou, como geralmente ocorre numa pesquisa acadêmica, levar um determinado problema de pesquisa para o grupo. Entretanto, essa sugestão não é fechada e pode, inclusive, ser modificada caso o interesse do grupo recaia sobre outro tema. Daí ser necessário identificarmos os saberes e os desejos do grupo. Para isso, consideramos de grande relevância, na pesquisa sociopoética, o uso do diário institucional ou diário coletivo de pesquisa. Nele, o grupo-pesquisador poderá colar, escrever, pintar ou desenhar durante todo o período de realização da pesquisa, sendo interessante que esse diário seja lido em público, a cada encontro do grupo, seguido de uma discussão. Geralmente é no diário coletivo de pesquisa que o grupo expressa seus desejos íntimos. Esse material deverá fazer parte do conjunto dos dados produzidos e da análise final do processo.

- A produção de dados: nessa fase é indispensável a ritualização da pesquisa sem, no entanto, perder a circulação dos fluxos que atravessam o grupo. Deve ser propiciada pela utilização de técnicas de relaxamento, as quais devem anteceder a implementação de qualquer técnica de pesquisa. Sobre relaxamento, "[...] ele é um momento da pesquisa, mesmo. Os membros do grupo pesquisador devem conseguir baixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes enterrados e imersos, os ventos raros, as larvas congeladas pela história coletiva e individual".(4,53)

No próprio relaxamento, os co-pesquisadores são convidados pelo facilitador a viajarem pela imaginação, fazendo livres associações com o tema gerador da pesquisa. Depois, é encaminhada a produção de dados referentes ao tema em questão, através da utilização de vivências grupais que possibilitem a criação de um espaço de expressão da criatividade e dos sentimentos do grupo-pesquisador.

Nesse momento, recorre-se a técnicas que aguçam a linguagem simbólica e criativa, permitindo assim ultrapassar a simples dimensão consciente do pensamento dos co-pesquisadores. Gauthier explica, ainda, que o empre-

go de técnicas diferentes diversifica os resultados de uma pesquisa.<sup>(4)</sup>

Utilizamos a expressão produção de dados e não coleta de dados, por considerarmos, que os mesmos são produzidos pela ação dos pesquisadores e pela sua aceitação, ou seja, "[...] não se deve falar de "coleta de dados", uma vez que os dados não aparecem espontaneamente na realidade vivenciada, mas são produzidos pela ação dos pesquisadores e pela sua aceitação, mais ou menos ampla, pelos pesquisados. Uma entrevista produz dados; ela coleta nada".<sup>(4:45)</sup>

- A análise-experimentação dos dados: nesse quarto momento da pesquisa, também é essencial a participação do grupo. Essa fase realiza-se em duas etapas: na primeira, o grupo-pesquisador inicia o comentário dos dados produzidos. O grupo, então, traz à tona todos os elementos que o constituem, tudo aquilo que foi capturado ao longo da sua vida e que agora possa ser utilizado como referencial de análise, surgindo possíveis interrogações, reflexões e até revelações, tendo o facilitador uma participação discreta. "Os facilitadores participam discretamente desse momento. Sensíveis à fala do grupo como se fosse uma fala sagrada, os facilitadores respeitam mais ainda esse grupo que ousar, em seguida, contrapor sua fala, afirmar sua diferença".<sup>(4:46)</sup> É importante que o grupo "experimente" os dados, sempre utilizando técnicas criativas que mexam ainda mais com a imaginação e o inconsciente. Em seguida, o facilitador da pesquisa também experimenta os dados utilizando-se de ângulos diferentes. Em primeiro lugar, o facilitador realiza a análise de toda a produção plástica do grupo. É importante que a análise desse material ocorra separadamente, pois se trata de um tipo de expressão bastante diferente da oral ou escrita. No segundo momento, o pesquisador oficial irá analisar a produção verbal do grupo, procurando multiplicar ao máximo as possibilidades de produção de conhecimento. Por isso, esse momento também pode ser chamado de experimentação, pois esta análise se dá exatamente através da manipulação dos dados pelo grupo, em uma prática de provar, combinar e mesclar, produzindo uma multiplicação de diversas possibilidades de construção do conhecimento.

- A contra-análise dos dados: nesse quinto momento da pesquisa, após o pesquisador oficial ter analisado os resultados da fase anterior, ele devolverá ao grupo-pesquisador o resultado de suas análises para que possa avaliá-las, aceitando-as, alterando-as ou rejeitando-as e posteriormente propor a sua contra-análise. "Os facilitadores nunca têm o direito de considerar suas análises e experimentações como "a verdade", ou o "sentido último" das falas e colocações do grupo".<sup>(4:48)</sup> Nessa fase da pesquisa, o pesquisador oficial deve ter abertura a críticas, novos direcionamentos e experimentações sugeridas por membros do grupo-pesquisador.

- A socialização da pesquisa: nesse sexto momento de uma pesquisa sociopoética, todas as decisões devem ser tomadas coletivamente. Geralmente essa finalização da pesquisa se dá com a elaboração de uma proposta de socialização do conhecimento produzido que envolva tam-

bém o grupo-pesquisador. Na pesquisa sociopoética, é interessante que criemos possibilidades para que o grupo-pesquisador também produza um produto final de sua pesquisa. Este produto não tem de ser, necessariamente, uma publicação, pode ser desde uma exposição, uma música, uma peça teatral, ou outra forma que o grupo deseje expressar. O importante é que a decisão seja democrática e aberta à criatividade do grupo.

A seqüência descrita faz parte do método do grupo-pesquisador, o qual apresenta certas exigências que devem ser respeitadas tanto pelos facilitadores da pesquisa como pelos co-pesquisadores. Esses seis momentos de construção foram desenvolvidos ao longo da pesquisa de mestrado, cuidadosamente, respeitando o rigor do método, preservando a privacidade e o sigilo dos dados produzidos, o anonimato dos integrantes do grupo, a obtenção do consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa ou seu representante legal, conforme determina a Resolução 196/96, sobre as normas de pesquisa envolvendo seres humanos, aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa e do Complexo Hospitalar da Universidade Federal do Ceará – COMEPE de Protocolo número 19/02.

## CONTEXTUALIZANDO O LOCAL DA PESQUISA E OS CO-PESQUISADORES

O local escolhido para realização do estudo foi uma unidade pública do tipo Abrigo, destinada ao atendimento de adolescentes de ambos os sexos em situação de risco da cidade de Fortaleza-Ceará. Esse serviço faz parte de uma rede de assistência à criança e ao adolescente vinculado à Secretaria de Ação Social do Estado do Ceará. Assim como sugere o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), consideramos que criança é a pessoa que tem até doze anos de idade incompletos, e adolescentes, aqueles entre doze e dezoito anos de idade.<sup>(7)</sup>

Escolhemos esse abrigo por se constituir num recurso de internação total para aqueles em situação de risco pessoal e social, tendo capacidade máxima para quarenta e cinco adolescentes que permanecem em regime de semiliberdade, tendo livre acesso à educação formal e comunicação com outros adolescentes, com a sociedade diariamente e com seus familiares nos finais de semana e feriados.

Outro ponto considerado importante na escolha do local e grupo trabalhado foi que grande parte destes adolescentes é recolhida nas ruas, fazendo uso de substâncias psicoativas, geralmente associado à prática de atos de violência, furtos e prostituição. O encaminhamento para o atendimento nessa unidade é viabilizado como medida de proteção, em caráter provisório e excepcional. Raramente são encaminhados menores infratores, ficando estes sob a responsabilidade de outras instituições também ligadas à Secretaria de Ação Social do Estado do Ceará.

O grupo-pesquisador foi constituído por adolescentes de ambos os sexos, vinculados a essa unidade pública. Formamos um grupo de 15 co-pesquisadores, considerando como pré-requisito básico para fazer parte da pesquisa: ter disponibilidade e interesse em participar.

## **A PRODUÇÃO DOS DADOS ATRAVÉS DE OFICINAS VIVENCIAIS**

Para produção de dados utilizamos oficinas vivenciais, que ocorreram em espaço do próprio abrigo. Para sua realização dispúnhamos dos seguintes recursos: aparelho de som, lousa, máquina fotográfica e materiais diversos para produções artísticas (balões, canetas, tesouras, cola, tintas, diversos tipos de papéis, lápis de cera, revistas, jornais, vendas para os olhos e outros). Através da utilização de técnicas grupais, ocorreu a construção coletiva do conhecimento.

Oficinas vivenciais, através da utilização de técnicas grupais criativas, tornam os participantes mais desinibidos, comunicativos, questionadores, com maior capacidade de reflexão, de tomada de decisão, desenvolvendo sua autonomia, autocuidado e auto-estima, capacitando-os em direção a mudanças nas relações consigo mesmos, com os outros e com o meio em que vivem.<sup>(6)</sup> No entanto, defendemos a idéia de que, para que isso realmente ocorra, as técnicas utilizadas e a postura do facilitador são fundamentais. Para desenvolver uma postura adequada, muitas vezes, é necessário rompermos com algumas implicações que carregamos durante toda a nossa vida.

Negociamos com o grupo-pesquisador a realização de oito encontros. Cada um deles teve um tempo médio de duas horas e uma periodicidade que foi programada de acordo com a disponibilidade dos participantes do grupo e da própria instituição em que eles estavam inseridos. Os encontros foram distribuídos da seguinte forma: uma oficina de negociação com o grupo-pesquisador, quatro oficinas de produção de dados, duas de análise de dados, uma oficina de restituição dos dados.

Como temática geradora das oficinas, foi escolhido o seguinte tema, "Drogas: relação de violência e prazer". No decorrer dessas oficinas fomos trabalhando com técnicas grupais que utilizassem as cores, partindo do princípio de que elas formariam as categorias referenciais ao serem analisadas. A alusão a cada uma delas resultou nas categorias empíricas do estudo.

Utilizamos as cores primárias azul, amarelos, vermelho, a cor secundária verde, e o tom luz, que é o branco. Não utilizamos o preto por este não ser considerado uma cor, mas uma mistura de todas as outras. Lançamos mão das cores porque, ao iniciarmos os trabalhos de produção, sentimos que o grupo se relacionava muito bem com as diversas cores e, a cada encontro, constatávamos que através delas havia melhor fluidez de pensamentos.

Em cada oficina era utilizada uma técnica grupal diferente, porém tendo o mesmo objetivo, ou seja, produzir dados sobre a relação entre drogas, violência e prazer na vida do adolescente institucionalizado.

Para ilustrarmos, daremos exemplo de uma das oficinas realizadas, com a utilização da técnica "se nossa vida fosse uma cor". Nessa técnica, delimitamos espaços na sala com as cinco cores, definindo-os como ilhas: azul, vermelha, branca, verde e amarela. Os participantes deveriam escolher aquela ilha que possuísse a cor com que eles mais se identificassem e, em seguida, já formados os subgrupos, deveriam produzir um painel com tinta guache da cor escolhida. A frase desencadeadora era: "Se minha

vida fosse verde, amarela... como seria essa vida?" Os adolescentes foram despertados para o fato de que sempre deveriam relacionar a pergunta norteadora ao tema gerador, pensando a relação entre drogas, prazer e violência nas suas vidas.

Ao confeccionarem o painel com a produção de cada co-pesquisador, o grupo demonstrou uma íntima relação de suas vidas com aquelas cores e com a própria droga, trazendo fragmentos de vivências representadas naquele conjunto de desenho/pintura/cor.

Além das oficinas, utilizamos, também, a técnica do "Diário Coletivo da Pesquisa", considerada como mais uma forma de produção de dados, pois, nesse tipo de abordagem o diário lança mão do potencial imaginativo do grupo.

## **ANALISANDO OS DADOS: UMA EXPERIÊNCIA JUNTO AO GRUPO-PESQUISADOR DE ADOLESCENTES**

Realizamos a análise dos dados produzidos em dois momentos distintos. O primeiro dedicou-se à descrição do processo da pesquisa por meio de oficinas vivenciais baseadas no método do grupo-pesquisador, sem deixar escapar nenhum fato ou relações ocorridos. Nesse momento, resgatamos e valorizamos tudo o que foi vivido, demonstrando a aplicação do método junto a grupos de adolescentes.

O segundo momento deu-se por intermédio da identificação de categorias empíricas de análise, tendo como categorias referenciais as cores utilizadas na produção dos dados.

Essas categorias empíricas foram criadas a partir da produção dos dados pelo grupo-pesquisador, em que procuramos destacar as palavras que os adolescentes mais associavam a cada cor, como também através da análise que o grupo fez de seus desenhos e das respectivas cores utilizadas, resultando nessa categorização.

Ao final tivemos a seguinte relação entre as categorias referenciais (cores) e categorias empíricas (temas): vermelho - violência, incertezas, prazeres e paixões, fúria; branco - paz e tranquilidade; azul - espiritualidade, amizade e prosperidade; amarelo - harmonia, serenidade e alegria; verde - esperança, encontro com a natureza e renovação da vida.

Por se tratar de um abrigo, o adolescente geralmente é visto como alguém que a qualquer momento irá fazer algo de errado e que na escala de poderes é aquele que detém menos, tornando-se mais submisso a tudo e a todos. Desse modo, ao realizarmos a análise dos dados, optamos por adotar um referencial teórico que nos possibilitasse iluminar alguns aspectos percebidos no decorrer da pesquisa. Encontramos este suporte teórico na Análise Institucional, notadamente no Movimento Institucionalista. "O Movimento Institucionalista é um conjunto heterogêneo, heterológico e polimorfo de orientação, entre os quais é possível encontrar-se pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos auto-analíticos e autogestivos dos coletivos sociais".<sup>(9:11)</sup>

No decorrer da pesquisa, fomos percebendo o despontar de dados não esperados, mas que na verdade mostravam-se fortemente reveladores dos processos de institucionalização a que estavam submetidos os adolescentes do grupo-pesquisador: relações de poder muito fortes e implicações que fomos experimentando com relação a isso. Assim, identificamos na Análise Institucional a ferramenta necessária para que pudéssemos analisar os produtos paralelos da pesquisa. "[...] a análise institucional interessa-se por tudo aquilo que a ciência instituída considera residual, sem importância, ou até indesejável a sua "objetividade", na pesquisa. Nesse sentido, os "achados" não previstos e obtidos pelo próprio processo investigativo, embora freqüentemente pareçam fugir ao assunto pesquisado – e, em geral sejam considerados "paralelos" – são apenas aparentemente. ... com certeza, interferem de alguma forma na metodologia adotada e nos decorrentes resultados oficiais".<sup>(10:126)</sup>

Visualizamos fatos ou acontecimentos que, podem ser denominados produtos paralelos de uma pesquisa. Nessa pesquisa, estes produtos foram surgindo durante os trabalhos em grupo e sua revelação se tornou possível devido às propostas autogestivas do grupo.<sup>(10)</sup>

A Análise Institucional apresentou-se no estudo através de conceitos que foram sendo utilizados no decorrer do relatório final da pesquisa. Entre esses conceitos tivemos:

- **Analizador:** são acontecimentos que surgem e podem mexer com os dispositivos, a ponto de possibilitarem que a instituição seja revelada. A noção de analisador é utilizada como elemento que permite a análise e revela a estrutura da instituição.<sup>(11)</sup>

- **Instituição:** para a análise institucional, instituição não é algo observável, objetivo, como um prédio, mas sim uma dinâmica contraditória que se constrói na história ou no tempo. O tempo é citado como exemplo de instituição: dez anos para a institucionalização de crianças deficientes, ou dois mil anos para a institucionalização da igreja católica. De certa forma, é através dela que surge um movimento (o instituinte), um resultado (o instituído) e um processo (a institucionalização).<sup>(12)</sup>

Poderíamos, ainda, defini-la como um conjunto de organizações das relações sociais entre indivíduos, ou de uma forma mais clara, normas que regem essa organização. Precisamos levar em consideração ao definir instituição que a instituição "[...] é atravessada por vários níveis distintos, o que remete necessariamente ao estudo de sua transversalidade como de seus membros, com o objetivo de permitir o acesso ao discurso instituído e ao sistema de poder dentro dela".<sup>(11:14)</sup>

- **Instituinte:** o instituinte é o processo deflagrado por forças produtivo-desejante-revolucionárias que têm como resultado a fundação ou transformação de uma instituição. (9) O instituinte pode ser representado por uma pessoa, uma atividade que foge à rotina, um acontecimento inesperado, ou seja, qualquer fato que venha a romper com a ordem instituída. "[...] são forças de transformação que contestam o instituído e demandam novas normas".<sup>(11:15)</sup>

- **Instituído:** é o resultado da ação instituinte que quando produzido pela primeira vez, diz-se que se fundou uma instituição. O instituído cumpre um papel histórico importante porque vigora para ordenar as atividades sociais essenciais para a vida coletiva. Para que os instituídos sejam eficientes devem permanecer abertos às transformações com que o instituinte acompanha o devir social. Entretanto, é característica intrínseca ao instituído procurar permanecer estático, reagindo ao novo, proporcionado pelo instituinte visando à manutenção do status quo.<sup>(9)</sup> A luta constante entre instituinte e instituído tem como produto a institucionalização.

- **Institucionalização:** "[...] a institucionalização é o devir, a história, o produto contraditório do instituinte e do instituído, em luta permanente, em constante contradição com as forças de autodissolução".<sup>(12:12)</sup> Essa mesma institucionalização pode ser vista como sendo "[...] a fase de resolução da contradição inicial – o instituinte contra o instituído; e também o reconhecimento das novas normas que emergem".<sup>11:15</sup>

- **Análise da implicação:** "[...] a análise das implicações é o cerne do trabalho socioanalítico, e não consiste somente em analisar os outros, mas em analisar a si mesmo a todo momento".<sup>12:36</sup> Estas podem ser implicações libidinais (afetos, motivações), ideológicas, políticas, materiais, entre outras. Ao se analisar implicações na pesquisa, procura-se: "[...] não fazer um isolamento entre o ato de pesquisar e o momento em que a pesquisa acontece na construção do conhecimento. Quando falamos em implicação na pesquisa, nos referimos ao conjunto de condições da pesquisa. Condições inclusive materiais, onde o dinheiro tem uma participação tão econômica quanto libidinal".<sup>(12:16)</sup>

Ao longo deste estudo fomos explicitando e explicando as implicações que experimentamos durante o processo de pesquisa, tanto as nossas como as dos pesquisadores. Diante disso, "[...] nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos".<sup>(13:167)</sup> E ao apagarmos as marcas de nossa implicação pessoal no objeto de estudo, é que corremos o risco de afastarmos-nos da objetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa pesquisa que utiliza o método do grupo-pesquisador é notória a riqueza do processo, não só para nós, pesquisadores responsáveis, mas, também para o grupo-pesquisador. Toda a construção coletiva teve marcas de pegadas e matizes de uma aquarela pintada a várias mãos; nela as cores esboçaram sentimentos, vivências, experiências compartilhadas e criação de novos conceitos.

Com este estudo, adentramos no enigmático mundo das drogas, sendo guiados por um grupo de adolescentes institucionalizados, através dos caminhos sinuosos de suas vivências, buscando propiciar dispositivos não convencionais que lhes permitissem expressar seus sentimentos na relação entre drogas, violência e prazer.

Para trabalharmos tal problemática na perspectiva que estávamos nos propondo, fomos buscar inspiração em

muitos conceitos da sociopoética e da análise institucional. Da primeira, apropriamo-nos, principalmente do método do grupo-pesquisador, da segunda a análise das nossas implicações, como também uma forma de entender as relações que foram acontecendo no ato da pesquisa, ou seja, os produtos paralelos da pesquisa.

O estudo sociopoético considera os sujeitos da pesquisa como atores, os quais transformam-se em grupo-pesquisador, sendo co-autores de toda produção. Diante disso é que ressaltamos o quanto a ciência pode ser favorecida por este referencial teórico-metodológico que busca valorizar os sujeitos co-pesquisadores, propondo a percepção das dimensões afetivas, sensitivas, intuitiva, imaginativa e, também, racional no processo de pesquisa.

A utilização do método do grupo-pesquisador mostra-se um campo fértil para a pesquisa em enfermagem por possibilitar uma abordagem mais humanizada do outro. Ao trabalharmos nessa abordagem, o ser humano é o elemento chave da investigação, possibilitando a criação de espaços para o emergir da subjetividade, sensibilidade, criatividade e expressão de sentimento, elementos considerados primordiais nessa área profissional.

Através da sociopoética passamos a perceber a pesquisa como um momento de ousadia, abrindo espaço para o emergir criativo "do grupo e dos indivíduos, aberta a poética da existência".<sup>(4;50)</sup> Visualizamos na sociopoética uma possibilidade muito fértil de inovação na pesquisa qualitativa.

O estudo foi considerado um espaço propício para o aprendizado entre os co-pesquisadores, onde todos tiveram a oportunidade de aprender uns com os outros, resgataram sua auto-estima, o doce sabor da vida, se autodescobrirem, falarem de suas vidas e seus sentimentos quanto às drogas e também vivenciarem o momento das oficinas como sendo um espaço terapêutico.

O estudo também se debruçou na percepção, descrição e análise de alguns fatos que ocorreram nos bastidores. Embora não fazendo parte dos objetivos, estes produtos paralelos, acabaram interferindo diretamente ou indiretamente na busca desses reais objetivos. E foi no referencial teórico da análise institucional que encontramos subsídio para entender e descrever esses achados, tornando-os dados valiosos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Carlini EA. IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º grau em 10 capitais brasileiras. São Paulo: UFSP/CEBRID; 1997.
2. Moraes LMP. Adolescentes institucionalizados e sua relação com as drogas: uma abordagem de inspiração sociopoética [dissertação]. Fortaleza(CE): Universidade Federal do Ceará; 2003.
3. Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis,RJ: Vozes; 1994. 80p.
4. Gauthier J. Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Editora Escola Anna Nery/UFRJ; 1999. 96p.
5. Silveira, LC, Martins FCCL, Braga VAB. A Enfermagem nas teias da sociopoética. In: Fraga MNO, Braga VAB, Sousa AMA. Políticas de saúde, saúde mental e interdisciplinaridade: avaliação e métodos. Fortaleza: DENF/UFC/FFOE/FCPC; 2001. p.65-71.

6. Santos I, Gauthier J. Enfermagem: análise institucional e sociopoética. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Ana Nery/UFRJ; 1999. 210p.

7. Ceará. Secretaria do Trabalho e Ação Social. Fundação Estadual do Bem Estar do Menor do Ceará - FEBEMCE. Estatuto da criança e do adolescente. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará - IOCE; 1990. 139p.

8. Said FA. Dinâmicas pedagógicas na perspectiva da educação em saúde. Curitiba: Edição do Autor; 2001. 94p.

9. Baremblyt G. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. 2a. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1994.

10. Petit SH. Dos produtos paralelos de uma pesquisa. Rev. Depto. Psicol. Univ. Fed. Fluminense, Rio de Janeiro, 2001; 13(1):125-44.

11. Altoé S. Infâncias perdidas: o cotidiano nos internatos - prisão. 2a. ed. Rio de Janeiro: Xenon; 1990.

12. Lourau R. Análise institucional e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Gráfica UERJ; 1993.

13. Laplatine F. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense; 1998.